



José Soares*
lusologias@gmail.com

Peixe Do Meu Quintal

Trauma epidémico

Tal como em qualquer crise sísmica, este planetário sismo epidémico terá as suas réplicas pós-crise. Vão começar a ser sentidas de forma muito grave nos próximos meses e ninguém sabe nem poderá prever as suas consequências.

Os únicos que conjecturam diariamente são os políticos e os responsáveis pela saúde pública. Em nome da paz social, mentem a toda a hora e omitem o desastre que já se começa a fazer sentir. Repetem mil vezes a mesma conversa e todos os canais televisivos ou radiofónicos começam a ser abusivos e a transformar-se em poluição social. Já ninguém os pode ouvir falar da mesma coisa há meses e sem fim à vista.

Até ao aparecimento desta infeção, milhares de vidas humanas morriam de fome e inúmeras doenças provinham das insalubres condições da sua existência. Embora constatando estes factos há décadas, o mundo ocidental rico pouca importância atribuía porque não lhe tocava em casa.

Mas agora o problema é global. Há cada vez mais famílias com necessidades básicas e cada vez mais pobreza envergonhada por todo o ocidente.

As políticas sociais providas pelos sistemas democráticos, começam a ser um falhanço combinado e planeado em muitos casos, resultado das lutas a qualquer custo pelo poder e não pelas soluções.

Apropriada Democracia treme perante a tecnologia digital – os tais três is – (Idade da Informação Instantânea) para a qual o sistema democrático não estava preparado e necessita adaptar-se.

A conceção moderna da supremacia da Vida Humana está a ser – de novo – ultrapassada pela supremacia da alta finança, que tudo compra – mesmo a dignidade alheia.

Esta crise pode ter a enorme vantagem de nos obrigar a parar para pensar. Pensar e repensar o futuro dos nossos filhos, da Humanidade e do Planeta que ela habita.

Reconhecendo a gravidade epidémica que se vive, a sociedade está, no entanto, a ser manipulada pela torrente que arrasou a comunicação social e a mantém 'de pescoço apertado'. Os responsáveis dessa manobra tenebrosa fazem-no por medo. O pânico invade as reuniões de líderes quando alguém sugere que nada deve ser informado esta semana. Os políticos nem dormem pensando nas multidões que lhes podem invadir e saquear as residências. Povo sem pão é povo suicida...

Portanto, há que continuar a traumatizar o povo.

Já se fazem sentir os resultados negativos de toda esta situação psicológica. As relações conjugais deterioraram de forma exponencial e as separações

e divórcios de pessoas no clássico relacionamento a dois, duplicou desde março 2020. Também aumentaram excecionalmente as reclamações em vários sectores comerciais e industriais, nomeadamente na restauração. A escassez da paciência em ambos os lados será a causa.

O comportamento social, em geral, está alterado – para pior – com as sensibilidades à flor da pele.

As lideranças estão confusas e as decisões atiradas ao oceano do desconhecido.

O ano de 2021 será o das réplicas 'fortes e feias'.

Enquanto houver dinheiro público a ser distribuído para ir segurando a carroça, tudo bem. E depois?

Final, este vírus é o prenúncio do excessivo desgaste planetário face aos abusos ambientais cometidos por todos nós. Avisos precursores que a Natureza nos dá e aos quais teremos de prestar especial atenção, sob pena de cada vez mais fenómenos similares agravarem a situação da vida no planeta.

Já não vamos a tempo de repor como estava, mas iremos certamente a tempo de salvar o que resta.

*Jornalista e colunista



Chryst Chrystello*

Descolonização, Colonialismo, Combatentes e Falta de Respeito

Há temas que alguns chamam fraturantes e eu designo como demasiado incómodos para discutir, e desde há muito tempo não discuto com ninguém: futebol descolonização ou religião. São experiências pessoais que em muito transcendem a lógica argumentativa e duma discussão dessas nunca sairiam resultados úteis.

Dito isto e respeitando as opiniões contrárias (eu não disse concordando), dei-me ao trabalho de contrapor a afirmação de que a descolonização das "províncias portuguesas" foi catastrófica e não uma descolonização exemplar como outros nos querem fazer crer.

Nem uma coisa nem outra, foi a descolonização possível, fora de tempo, forçada pelos grandes interesses das potências mundiais num enorme jogo de dominó em que se manipularam os inexperientes portugueses saídos do 25 de abril para a dura tarefa de descolonizar.

Não foi nem melhor nem pior do que as restantes feitas por países mais poderosos como o Reino Unido, Alemanha, França, Austrália, etc. foi, certamente, má mas nem pior nem melhor do que as restantes.

Má, atabalhoada e manipulada de fora. Os desgraçados que lá viviam foram a moeda de troca, enxovalhados ao serem chamados de "retornados"

e espoliados do seu trabalho, nem todos eram racistas, nem todos eram negreiros, nem todos eram salazaristas (embora muitos o fossem). Tiveram de recomeçar do nada e ficaram para sempre ressabiados, com razão, mas a vida continua e temos de andar para a frente.

Também fiquei impedido de regressar a Timor pela invasão colonial da Indonésia a 7 de dezembro de 1975 e se bem que toda a minha vida planeada tenha sido posta à prova, recomecei de novo em Macau e na Austrália e, mais recentemente, Portugal.

De uma enorme devastação que os anos de guerra colonial (mesmo em Timor) me causaram e subsequente reajustamento a novas sociedades e culturas, fiz disso uma mais-valia multicultural enriquecedora. Não consta que me ande a queixar eternamente do infortúnio. E se admito que a minha noção de patriotismo nada tenha a ver com a minha desertão quando fui amnistiado por Spínola e fui a Bali e Austrália, não entendo como o povo português continue calado e tolere a existência de mais de mil corpos de combatentes abandonados em campas rasas em Angola.

Intolerável isto só comprova a minha teoria, que nós, especialmente os oficiais milicianos, não éramos senão carne para canhão. É a falta de res-

peito pela memória dos mortos e estropiados que é intolerável, mas sobre ela raramente se fala.

Pior estão os ex-combatentes dos EUA que morrem que nem tordos nas ruas onde nem sobrevivem como sem-abrigo, com doenças e SPT (stress pós-traumático), abandonados pela sociedade que os espoliou dos melhores anos de vida em troca de uma mancha de nada.

Não seguí a corrente campanha eleitoral pois de promessas fartas incumpridas anda este eleitor cheio, mas não devo errar se disser que nem um se deve ter lembrado dos desgraçados dos ex-combatentes, em avançada idade como eu, ou mais velhos ainda, sem uma pensão condigna, sem acompanhamento eficaz do SPT e outras maleitas além da idade.

É essa indiferença, esse esquecimento, esse desprezo por aqueles que deram os melhores anos da sua juventude que magoa e me afasta de promessas políticas de quatro em quatro anos. Assim será sempre, até ao dia em que o sol não nasceu, a chuva não caiu, a maligna carne de vaca não se comeu e em que eu (que não vendo livros) deixe de os esquecer.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713
[Australian Journalists' Association MEAA]